

## VIRGINIA WOOLF E A CRÍTICA FEMINISTA

Maria Aparecida de Oliveira\*

**RESUMO:** O presente artigo estabelece as relações entre a *A room of one's own* e a crítica feminista, observando como essa tem revisto e ressignificado o ensaio de Virginia Woolf. Serão problematizadas questões como a exclusão feminina dos espaços públicos, das esferas políticas e, conseqüentemente, da literatura e da história. Depois disso, abordaremos a personagem Judith Shakespeare. Por último, duas questões problematizadas serão tratadas nesta análise, a primeira refere-se à tradição literária feminina e a segunda refere-se à própria frase feminina.

**Palavras-chave:** Crítica feminista, Judith Shakespeare, tradição literária feminina.

### A exclusão feminina

O principal argumento de *A room of one's own* é que a mulher deveria ter condições materiais adequadas e certa privacidade, caso ela optasse por escrever ficção, pois tais condições poderiam afetar o próprio processo criativo. *A room of one's own* originou-se a partir de duas palestras proferidas por Virginia Woolf em Cambridge, no Arts Society em Newnham e em Girton, duas faculdades para mulheres, em 1928. Segundo Michele Barrett (1993), sob o amplo título, “Women and fiction”, o ensaio foi reimpresso por Leonard Woolf na coleção de ensaios de Virginia Woolf intitulado *Granite and Rainbow* em 1958. A história do manuscrito é talvez ainda mais interessante. Virginia Woolf tentou vender o manuscrito para levar dinheiro para uma organização “The society for women's service”, mas, infelizmente, isso não ocorreu. Depois de sua morte, o museu Fitzwilliam em Cambridge pediu a Leonard Woolf algo da escritora e ele então doou o manuscrito.

Logo no início do ensaio, o tema a ser discutido é mulher e ficção e o que parece ser a princípio muito simples, a narradora se depara com grandes dificuldades que surgem ao longo da narrativa, uma delas é a questão da exclusão feminina, tanto da literatura, quanto dos espaços de poder. Assim, a narradora inicia seu ensaio refletindo sobre as possíveis implicações desse tema. Também, logo no início, Woolf (1993, p.4) questiona a posição do sujeito, principalmente, do sujeito feminino. Para evitar a presença autoritária do “eu”, instância narrativa, Woolf cria mais de uma instância narrativa para seu ensaio e aqui temos uma mistura de gêneros.

Nesta passagem, Woolf traz diversas referências ao ensaio, a primeira sugere a balada de Mary Hamilton, que conta a história de Mary, destinada a ser rainha da Escócia, e que após uma relação extraconjugal com o rei, tem um filho, do qual procura se livrar, jogando-o em um rio, acabando enforcada por esse motivo. Segundo Anna Snaith (2015), a balada escocesa “Mary Hamilton contém a seguinte passagem:

Yestreen Queen Mary had four Maries,  
This night she'll have but three;  
She had Mary Seaton, and Mary Beaton,  
And Mary Carmichael, and me.<sup>1</sup>

---

\* Professora Adjunta da Universidade Federal do Acre na área da Literatura Inglesa e Norte-Americana. Possui estágio pós-doutoral na Universidade de Toronto, Canadá (2017), Doutorado em Estudos Literários (2013) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Araraquara, SP, com doutorado-sanduiche na University of Winnipeg, Canadá, Mestrado em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara, SP, (2006).

E-mail: mariaaoliv@yahoo.com

<sup>1</sup> Ontem à noite, a rainha Mary tinha quatro Marias

Anna Snaith explica que a balada de Mary Hamilton aparece no livro de Walter Scott *Minstrelsy of the Scottish border* (1802), as quatro Mary mencionadas seriam Mary Beaton, Mary Seton, Mary Fleming and Mary Livingstone. Em *A room of one's own*, elas aparecem como Mary Seton, Mary Beton and Carmichael, citadas respectivamente como a diretora de Fernham, a tia da narradora e a romancista de *Life's adventure*. Mary Carmichael, a romancista é, também, uma referência ao pseudônimo de Marie Stopes, a primeira mulher a escrever sobre o controle da natalidade. Esta seria uma das preocupações principais Virginia Woolf, pois percebia a dificuldade em conciliar o trabalho intelectual e a criação aos filhos.

Na verdade, todas essas mulheres estão de certa forma conectadas. A história da balada de Mary Hamilton reflete a história de Judith Shakespeare, uma das personagens fictícias de *A room of one's own*. As duas têm o mesmo destino e tentam fugir de uma vida que lhes é imposta.

É importante observar que *A room of one's own* é um ensaio cuidadosamente bem estruturado e por isso devemos pensar nas habilidades retóricas de Virginia Woolf ao criar a figura de um narrador ou mais de um. Ela conduz nossa atenção para o que seria uma das principais características do seu pensamento estético e a marca de seus romances: a representação pluripessoal da consciência, a que se refere Auerbach (1971) no seu famoso ensaio sobre a escritora, intitulado “The brown stocking”.

Desse modo, a voz narrativa em *A room of one's own* demarca seu espaço, a partir de sua caminhada pela universidade, inicialmente sentada na grama, depois percorrendo a biblioteca e, finalmente, durante sua leitura no *British Museum*. A perspectiva da narradora parte do macro contexto, ou seja, da arquitetura patriarcal da cidade de Londres (a universidade, a biblioteca e o museu), para o micro contexto, os espaços vazios nos livros de história. Assim, o micro contexto reflete o macro contexto e vice-versa.

Seguindo o percurso da narradora por esses diversos espaços da arquitetura patriarcal e percebendo como eles representam sistemas de exclusão à presença feminina, ela lentamente vai tecendo seu argumento e, logo, questiona como é difícil estar excluída desses espaços, mas, ou pior ainda, estar enclausurada dentro dessas instituições.

Ainda na sala de leitura do *British Museum*, durante sua pesquisa a respeito do que os homens têm escrito sobre as mulheres, a narradora constata, com grande indignação que: alguns homens dizem que elas não têm alma; outros, ao contrário, as mantêm como divinas e as idolatram; alguns acham seus cérebros vazios; outros acham que elas são mais profundas em termos de consciência; Goethe as louvava, enquanto Mussolini as desprezava. Isso denota que a Inglaterra era ainda uma sociedade predominantemente patriarcal, em que os homens, para sentirem-se superiores, deveriam retratar as mulheres como inferiores:

Em todos esses séculos, as mulheres, têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Estaríamos ainda rabiscando os contornos de cervos em restos de ossos de carneiro e permutando lascas de sílex por peles de carneiro ou qualquer outro ornamento singelo que

---

Esta noite ela terá apenas três;  
Ela tinha Mary Seaton and Mary Beaton,  
E Mary Carmichael e eu.  
(SNAITH, 2015, p. 255, tradução nossa)

agradasse a nosso gosto não sofisticado [...]. Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se. (WOOLF, 2004a, p. 42)

A narradora percebe que historicamente a mulher tem sido excluída tanto do espaço público e político, quanto do âmbito artístico-criativo. A discriminação histórica que resulta na exclusão feminina desses espaços foi construída por anos e anos. A exclusão das instituições educacionais como Cambridge não era apenas relativa à mulher, mas também a outros grupos minoritários, como a classe trabalhadora, os judeus e os homens católicos. Nesse sentido, o ensaio de Woolf não aborda apenas a questão da mulher e literatura, mas também se refere a questões como educação, gênero e classe. Ao tratar da educação para mulheres, Woolf retoma um dos textos fundamentais do feminismo da primeira onda que é o texto de Mary Wollstonecraft.

### **Judith Shakespeare**

No terceiro capítulo, a escritora dedica-se a uma análise do espaço reservado à mulher ao longo da história, por meio da análise do livro *History of England* de Trevelyan. Na era elisabetana, elas estavam praticamente destinadas à escravidão; esposas eram sempre submissas ao homem e as filhas eram forçadas a um casamento não desejado. Contraditoriamente, na literatura elas eram de uma importância fundamental, dominadoras e indomáveis, como, por exemplo, Lady Macbeth, Cleópatra, entre outras. Assim, a escritora questiona como se pode explicar esse paradoxo:

Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Ela atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Ela domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler, quase não conseguia soletrar e era propriedade do marido. (WOOLF, 2004a, p. 50)

Ao imaginar as dificuldades para uma escritora da era elisabetana, Woolf faz uso de seu poder criativo, ao idealizar o retrato imaginário de uma provável irmã de Shakespeare, Judith Shakespeare, que possuísse o mesmo gênio do irmão, mas não as mesmas oportunidades. Ela não frequenta a escola e quando tenta ler, os pais a obrigam a realizar uma tarefa doméstica. Seu gênio, que é literário, não encontra espaço para se desenvolver. Ao final, com menos de dezoito anos, os pais a forçam a um casamento e ela foge para Londres. Ela quer atuar, mas o diretor a menospreza, ela acaba por se tornar amante de algum ator e quando se vê grávida e sozinha, suicida-se. Este seria o destino de qualquer mulher, na época de Shakespeare, que tivesse o mesmo gênio que ele.

Diferentes críticas analisaram a personagem fictícia de Woolf, como veremos em seguida. Jane Marcus (1987a, p. 166) em *Virginia Woolf and the languages of patriarchy* associa a figura de Judith Shakespeare à artista oprimida da época, especificamente, à autora Radclyffe Hall, que foi levada a um julgamento pela sua obra *The well of loneliness*, devidos aos aspectos subversivos e ao lesbianismo que perpassa o livro. Por esse contexto, Jane Marcus percebe que as estratégias formais e o estilo informal de uma conversa entre mulheres de *A room of one's own*, teriam como objetivo conectar a causa política das mulheres à luta das lésbicas, como uma única luta em nome da opressão feminina.

Gilbert e Gubar (1988, p. 93), em *The war of the words*, compreendem Judith Shakespeare como uma conexão à figura de Mary Hamilton, a quem Woolf se refere como uma das narradoras do ensaio. Ambas têm o mesmo violento destino, isto é, uma punição infligida pela cultura patriarcal pelo crime de gerar uma criança ilegítima.

Assim como Jane Marcus (1987a), Gilbert e Gubar (1988) também conectam a figura de Judith Shakespeare às mulheres oprimidas, mas Woolf, em seu trabalho de revisão da tradição literária feminina, associa essa imagem à mulher independente da faculdade de Fernham, cuja tarefa seria não apenas ressuscitar a artista oprimida, mas outorgar-lhe o poder necessário para que ela tenha voz e um teto todo seu na sociedade patriarcal. Gilbert e Gubar (1988) identificam o gênio reprimido com os poderes suprimidos de antigas bruxas.

Mark Hussey (1995) observa que Judith Shakespeare tornou-se uma figura de linguagem poderosa e significativa e tem reverberado em uma série de outros livros, romances e peças que levam esse nome para referir-se à artista que foi silenciada durante todos esses anos. Gilbert e Gubar, por exemplo, editaram uma antologia de poesia intitulada *Shakespeare Sisters* que tem influenciado escritoras feministas de diferentes áreas.

A figura silenciosa de Judith Shakespeare permeia a obra *Silences* de Tilli Olsen (1978), na qual ela analisa exatamente essa batalha entre o silêncio e o momento em que a escritora passa a ter voz na literatura. Olsen (1978) entende que certos períodos de silêncio são necessários para o momento de gestação, mas ela preocupa-se, principalmente, com aqueles silêncios não naturais que impossibilitam o trabalho da escrita: um silêncio camuflado, de trabalhos abortados, indeferidos, negados devido à censura, às omissões, ao abandono e à paralisia da técnica intelectual. Olsen menciona diferentes tipos de censuras: a das editoras, que recusam o material não adequado para o mercado; a censura religiosa; a política e, principalmente, a autocensura.

Virginia Woolf não foi a única a criar uma suposta irmã Shakespeare e, provavelmente, ela tinha conhecimento de outras obras que deram vida à Judith Shakespeare. Anna Snaith (2015:261) afirma que o primeiro escritor a utilizar essa referência seria William Black em 1883, com o romance *Judith Shakespeare* e em 1895 Edward Aveling cria uma peça com o mesmo nome. Cicely Hamilton escreveu *Marriage as a trade* (1909) e Olive Schreiner *From man to man* em 1920, ambas especulando sobre a possível existência de uma mulher shakespeariana.

## **A tradição literária**

É importante lembrar que muitas escritoras abriram a estrada para a chegada de *Pride and prejudice* (*Orgulho e Preconceito*), *Villette* e *Wuthering Heights* (*Morro dos Ventos Uivantes*), como bem explica a narradora de Woolf (1993, p. 59): “As obras-primas não são frutos isolados e solitários; são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto”

Tal constatação de Woolf é de extrema importância para o trabalho das escritoras, pois mesmo diante da ausência de uma tradição literária feminina, Woolf podia perceber que uma obra de arte é o resultado de um trabalho coletivo. Bem como entendemos a literatura como um conjunto de vozes e um diálogo entre livros que se estabelece ao longo dos séculos e não como fruto de um trabalho isolado e solitário, como muitas vezes pode ser compreendido o processo de escrita de uma obra. Além disso, Woolf sempre enfatizava o diálogo entre escritores e leitores, para ela, um escritor nunca estava sozinho, ainda que solitário, esse processo de escrita ecoa outros escritores e muitas outras vozes.

Pensando exatamente nessa tradição literária feminina, Woolf (1993, p.69) faz uma importante constatação “*For we think back through our mothers if we are women*”<sup>2</sup>. Esse argumento tem influenciado uma onda da nova geração da crítica feminista, várias críticas debruçaram-se sobre esta frase de Woolf, o que resultou em uma série de trabalhos sobre o assunto. Começando por Suzanne W. Jones (1991), *Writing the artist*, uma recente coleção de ensaios cuja primeira parte intitulada *Thinking Back Through Our Mothers* examina como as escritoras e artistas criam e percebem essa relação entre as mães literárias e biológicas.

Margaret Diane Stetz (1991), no ensaio “Anita Brookner: woman writer as reluctant feminist”, analisa a figura de Brookner como relutante ao movimento. Brookner pensando na frase de Woolf, lembra que, enquanto escritoras, nós dependemos das nossas predecessoras, pois elas nos proporcionam inspiração e matéria-prima.

Considerando *A room of one's own* como um texto fundador da crítica literária feminista, Jane Marcus (1981) reconhece Woolf como “*a mother of us all*”. Com isso a própria Jane Marcus tornou-se uma referência básica – e, também, a mãe feminista - para aqueles que veem a figura de Woolf enquanto feminista.

Contudo, não se pode concordar com a expectativa de que uma artista tornar-se-ia feminista nesse movimento de encontro com as suas predecessoras. No entanto, podemos confirmar que a crítica feminista, a partir da década de 60, têm insistido nessa tarefa nada fácil que é recuperar a tradição literária feminina. Ellen Moers (1976), por exemplo, por meio de seu *Literary women*, demonstrou de forma brilhante que as mulheres influenciam umas às outras ao longo dos séculos e através dos continentes.

Em *Of woman born: motherhood as experience and institution*, Adrienne Rich (1995) mostra de que forma a cultura patriarcal tem nos desapropriado da nossa maternidade e de nossas mães literárias, tanto na literatura como na vida. Para ela, a história feminina tem sido fragmentada pela imposição patriarcal e cabe às futuras escritoras, (e feministas), com maior *expertise*, mais treinamento e com melhores ferramentas, unir esses fragmentos desse imenso mosaico para melhor delinear a face da tradição literária feminina.

Pamela Caughie (1991), percebendo a falta de conclusão do ensaio de Woolf, afirma que seria nosso papel criar uma contra-tradição de trabalhos femininos e adicioná-los à tradição estabelecida. Ademais, ela assegura que não seria o caso de introduzir o conceito de tradição feminina, mas de problematizar o próprio conceito de tradição, a partir da mudança e da instabilidade.

Rachel Bowlby (1992), com um brilhante *insight*, sugere que nós somos forçadas a refletir sobre nossas mães, devido ao fato de simplesmente não haver nenhuma tradição, e sugere que deveríamos refletir, então, sobre a ausência de nossas mães. Na mesma direção, Elaine Showalter (1982), em “Feminist Criticism in the Wilderness”, escreve que as escritoras inevitavelmente refletem sobre a influência paterna, mas apenas os homens podem esquecer ou silenciar suas mães literárias:

Woolf diz em *A room of one's own* que a escritora reflete por meio de suas mães. Mas uma escritora reflete, inevitavelmente, por meio de seus pais também; somente os escritores podem esquecer ou calar um de seus pais. A cultura dominante desconsidera o silenciado, exceto ao criticar a parte feminina nela mesma. Assim, precisamos de maior influência, não apenas para explicar a escrita

---

<sup>2</sup> “A mulher que escreve pensa retrospectivamente sobre suas mães”. (WOOLF, 2004a, p. 107)

de autoria feminina, mas também para entender como a escrita masculina resiste o reconhecimento de suas precursoras. (SHOWALTER, 1982, p. 542)

Alice Walker (1983) também utilizou o ensaio de Woolf como fonte para seu trabalho, cuja importância é inquestionável, além de ser um texto poético e, fundamentalmente, político e crítico. Ao refletir sobre esse processo de matrilineagem em “In search of our mothers’ gardens”, ela aborda a exclusão dentro da exclusão, ou seja, a ausência das escritoras negras dentro da tradição literária feminina proposta por Woolf em *A room of one’s own*, ela questiona:

Virginia Woolf, em *A room of one’s own*, escreveu que para escrever ficção, a mulher deve ter duas coisas: um teto todo seu (com fechadura e chave) e dinheiro suficiente para se manter. O que fazemos então de Phillis Wheatley, uma escrava, que não possuía nem a si mesma?

(...)

Virginia Woolf vai além, escrevendo, não sobre a nossa Phillis, é claro, que qualquer mulher que possuísse o dom no século XVI [inserimos “século XVIII”, inserimos “negra”, inserimos “nascida ou feita escrava”] teria certamente ficado louca. (WALKER, 1983, p. 235, tradução nossa)

Ao seguir os passos de Virginia Woolf, Walker (1983) também procura rever a tradição literária feminina de escritoras negras. E, assim, ela reinscreve, nos espaços vazios do próprio texto de Woolf, a presença das escritoras negras que eram punidas pelo simples fato de ler ou escrever, que não tinham a liberdade de pintar, esculpir ou mesmo de cantar. Não é fácil imaginar, como propôs Woolf, como essas mulheres, que poderiam ter sido poetas, romancistas, ensaístas, pintoras, escultoras e cantoras, puderam sobreviver a todos esses anos e muitas morreram com seus talentos reprimidos dentro delas. Alice Walker encontra no jardim de sua mãe uma alternativa para o trabalho criativo, não institucionalizado. Proibida de penetrar o espaço da biblioteca e na impossibilidade de produzir livros, sua mãe produz em seu jardim um magnífico trabalho de criação poética, traduzido por uma linguagem das plantas e das flores. Walker não se considera uma feminista, mas sim uma womanista, em sua luta pela humanidade, contra as etiquetas que procuram nos categorizar, colocando-nos em determinadas caixas.

## Female Sentence

Vejamos agora um outro assunto que é a problemática da “female sentence” ou a “frase feminina”. Woolf questiona como as mulheres apropriaram-se do discurso masculino, para que ele fizesse sentido na sua escrita, o que envolve certa inversão e subversão. Como fica bem claro em *A room of one’s own* e em “Women and fiction”, os valores de uma mulher são bem diferentes dos valores masculinos, por isso ela precisa subvertê-los para que possa assim legitimar seu próprio discurso.

Showalter (1982) expõe que a crítica feminista americana, inglesa, e sobretudo, a francesa, têm investigado os problemas filosóficos, linguísticos e práticos do uso feminino da linguagem. A crítica feminista tem lutado por uma revolução linguística, por uma ruptura na ditadura do discurso patriarcal, enfatizando uma linguagem que não é opressora e que, ao invés de levar ao silêncio, promove o diálogo.

Gilbert e Gubar (1988) em *The war of the words* procuram definir o desejo de Woolf de revisar não a linguagem feminina, mas a relação da mulher com a linguagem. A crítica feminista,

seja ela americana, inglesa ou francesa, recentemente têm observado que *A room of one's own* rompe não apenas com a frase masculina, mas também com a sequência, ao questionar, a partir de uma multiplicidade de ângulos, as possíveis e impossíveis respostas para os problemas a respeito desse assunto.

Em seu instigante ensaio “Walking, women and writing: Virginia Woolf as *flâneuse*”, Rachel Bowlby (1992) estabelece as conexões entre o ato de caminhar e escrever, o perambular e o fazer literário. A narradora de Woolf é comparada a uma *flâneuse*, aquela que percorre a cidade escrevendo-a, ao mesmo tempo que é inscrita nela. Bowlby (1992) compreende essa metáfora topográfica como um processo em que a mulher age como transgressora, a partir do momento em que ela penetra nos espaços que não lhe são permitidos, ela quebra as expectativas. Nesse caso, a narradora está dando passos importantíssimos em direções inesperadas, rompendo com as expectativas e permitindo novas representações femininas, novas inclusões e acessos a espaços nunca antes navegados.

Ao discutir a relação entre mulher e ficção, Woolf fala dos obstáculos que as mulheres enfrentam em seus caminhos e nessa discussão. Às vezes Woolf ocupa posições díspares, pois ao mesmo tempo em que ela está inserida na sociedade profissionalmente reconhecida e consagrada e em outros momentos, ela está à margem do grupo social ao qual se dirige, isto é, a universidade. Desse modo, Bowlby (1992) propõe duas alternativas nessa caminhada: uma progressiva que avança em uma certa direção, vislumbrando a inserção no mercado de trabalho para as mulheres da faculdade e outra que é transgressora, pois ultrapassa os limites e obstáculos demarcados previamente.

Minow-Pinknew (2010), cujo excelente trabalho está teoricamente embasado nas teorias da crítica feminista francesa, compara as estratégias de Woolf e a sua noção de “female sentence” ao conceito de escritura feminina de Hélène Cixous. Entretanto, Minow-Pinknew (2010) está consciente que ambas, tanto Woolf, quanto Cixous, procuram não cair no essencialismo e sabem que não podem definir uma escrita “essencialmente feminina”, bem como a própria natureza feminina. Para Minow-Pinknew (2010), a própria linguagem modernista, com seus deslocamentos de sintaxe e de posições, implica num discurso feminista que desafia a rigidez da identidade, dos próprios princípios dos papéis sexuais e da sexualidade como um todo.

Já Jane Marcus (1987a), em *Virginia Woolf and the languages of patriarchy*, entende as técnicas de *A room of one's own*, como a desconstrução da forma de leitura e uma transformação dessa forma, em uma conversa íntima entre pares de forma igualitária. Assim, Woolf estaria criando uma “irmandade” compartilhada, em que ela inclui a leitora e exclui o leitor, forçando-o a se sentir um estranho nessa “no man's land”, levando-o a refletir sobre a posição feminina, excluída e alienada de grande parte da literatura ocidental. Marcus (1987a) entende que o tom íntimo de uma conversa compartilhada entre mulheres; a criação da instância narrativa marcadamente feminina (as diferentes Maries ausentes da história); a criação da personagem fictícia de Judith Shakespeare; os ataques à sociedade patriarcal; todas essas técnicas juntas contribuem para tornar o ensaio audacioso, pois rompem com as próprias condições formais do ensaio.

## **Considerações Finais**

O ensaio de Woolf tornou-se uma referência para a crítica feminista, um dos textos fundamentais e mais citados, a ideia de que a escritora deve ter um salário e um espaço próprio tornou-se o lugar comum na segunda onda do feminismo. Contudo, percebe-se que essas seriam

as condições ideais para uma escritora, mas na realidade, nem sempre as mulheres tais condições estão disponíveis para todos, principalmente, em um país marcado por uma profunda desigualdade como o Brasil. A escritora Maria Carolina de Jesus, por exemplo, lutou brutalmente para conquistar um espaço todo seu, para além do seu *Quarto de Despejo* e para obter sua *Casa de Alvenaria*. Clarice Lispector, por outro lado, enquanto esposa de um diplomata gozava de perfeitas condições materiais, mas, após ao divórcio teve que batalhar como jornalista para assegurar condições mínimas de trabalho, enquanto escrevia na sala rodeada por seus filhos, com a máquina de escrever sob o colo. Isso para exemplificar apenas com essas duas escritoras, sem falar em um grande número de mulheres que foram excluídas do mundo da escrita.

Woolf iniciou um trabalho que a crítica feminista da segunda onda iria desenvolver melhor. Em seu trabalho revisionista, ela recupera o trabalho de escritoras como Lady Winchelsea, Margaret Cavendish, Dorothy Osborne, etc. Recentemente, a crítica feminista tem encontrado outras escritoras, tais como Anne Clifford, Mary Wroth, Eleanor Davies, todas escrevendo cartas, diários, poesias e peças, mas nem sempre sendo publicadas. (Snaith, 2015). No Brasil, o trabalho de Zahidé Lupinacci Muzart tem sido fundamental na recuperação de escritoras brasileiras que haviam sido excluídas das antologias literárias. Seu livro publicado em 2005, *Escritoras brasileiras do século XIX*, reúne 160 escritoras em uma antologia de três volumes e seu trabalho de resgate foi fundamental para a consolidação da crítica literária feminista no Brasil.

Outro exemplo é o trabalho de Nelly Novaes Coelho, que também se dedicou ao tema mulher e ficção no Brasil. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo* reúne ensaios sobre a produção literária feminina, indagando como ela se constrói e quais caminhos são trilhados por ela. Já o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002) representa um trabalho de resgate que compreende o período de 1711 a 2001, apresentando ainda um breve panorama histórico-literário da literatura feminina no Brasil.

Embora muitos tenham abordado apenas o argumento inicial de *A room of one's own*, o leitor pode perceber que o livro vai muito além dessa discussão. Ela é também um ensaio que se propõe a fazer uma revisão histórica, analisando a exclusão feminina dos espaços da esfera pública, do campo político, do âmbito artístico-criativo e das instituições educacionais. Ao levantar a bandeira dos direitos das mulheres, Woolf retoma o brilhante livro de Mary Wollstonecraft, texto fundador da primeira onda do feminismo. Woolf empreende um trabalho de resgate das escritoras mulheres desde o século XVII, demonstrando o isolamento e exclusão dessas mulheres. Outro ponto importantíssimo é a “female sentence” ou a frase feminina, que rompe com as expectativas e subverte a ordem do discurso masculino. Ademais, Woolf traz para o centro das discussões o lesbianismo, tentando conectar a luta das feministas à luta das mulheres lésbicas. Por fim, outro ponto igualmente importante é a questão da androginia, a qual Woolf aborda no último capítulo. Mas devo parar, pois meu tempo está acabando, deixaremos a androginia para um próximo artigo.

## VIRGINIA WOOLF AND THE FEMINIST CRITICISM

**ABSTRACT:** This article aims at stablishing relations between *A room of one's own* and the feminist criticism, observing how it has reread and (re)signified Woolf's essay. It will problematize questions such as the female exclusion from the public spaces, from the political spheres and, consequently, from literature and history. After that, we will talk about Judith Shakespeare and, at last, two issues will be discussed, the first one refers to the female literary tradition and the second one about the female sentence.

**Keywords:** Feminist criticism, Judith Shakespeare, female literary tradition.

## Referências

AUERBACH, E. Brown Stocking. In: \_\_\_\_\_. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BARRETT, M. Introduction. In: WOOLF, V. *A room of one's own and Three guineas*. Introd. Michèle Barrett. London: Penguin, 1993.

\_\_\_\_\_. (ed.). *Women and writing*. London: The Women's Press, 1979.

BOWLBY, R. *Feminist destinations and further essays on Virginia Woolf*. Edinburgh: Edinburgh University, 1997.

\_\_\_\_\_. Walking, women and writing: Virginia Woolf as *flâneuse*. In: ARMSTRONG, I. (ed.). *New Feminist discourses: critical essays on theories and texts*. London: Routledge, 1992.

CAUGHIE, P. L. *Virginia Woolf & postmodernism literature in quest and question of itself*. Urbana: University of Illinois, 1991.

COELHO, N. N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

\_\_\_\_\_. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

GILBERT, S. Woman's Sentence. Man's Sentencing: Linguistic Fantasies in Woolf and Joyce. In: MARCUS, J. *Virginia Woolf and the Bloomsbury: A Centenary*. Bloomington: Indiana UP, 1987.

GILBERT, S.; GILBERT, S. *Shakespeare's sisters: feminist essays on women poets*. Bloomington: Indiana University, 1979.

\_\_\_\_\_. *The madwoman in the attic: the woman writer in the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University, 2000.

\_\_\_\_\_. *The war of words. vol.1 of No man's land: the place of the woman writer in the twentieth century*. New Haven: Yale University, 1988.

HUSSEY, M. *Virginia Woolf: A to Z*. New York: Oxford University, 1995.

JONES, S. *Writing the woman artist: essays on poetics, politics, and portraiture*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1991.

MARCUS, J. *Art and anger: reading like a woman*. Columbus: Ohio State University, 1988.

\_\_\_\_\_. *Virginia Woolf and the languages of the patriarchy*. Bloomington: Indiana University, 1987a.

MINOW-PINKNEY, M. *Virginia Woolf and the problem of the subject: feminine writing in the major novels*. New Brunswick: Rutgers University, 2010.

MOERS, E. *Literary women: the great writers*. New York: Doubleday, 1976.

MUZART, Z. L. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2005.

OLSEN, T. *Silences*. New York: Seymour Lawrence, 1978.

RICH, A. *Of woman born: motherhood as experience and institution*. New York: W W. Norton, 1995.

ROSENBAUM, S.P. *Women and fiction: the manuscript versions of A room of one's own*. Oxford: Blackwell, 1992.

SHOWALTER, E. Feminist criticism in the wilderness. In: GILBERT, S.; GUBAR, S. *Feminist literary theory and criticism*. New York; London: W. W. Norton, 2007.

SNAITH, A. Introduction. In: WOOLF, V. *A room of one's own and Three guineas*. Oxford: Oxford University, 2015.

STETZ, M. D. Anita Brookner: Woman writer as reluctant feminist. In: \_\_\_\_\_. *Writing the woman artist: essays on poetics, politics and portraiture*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1991.

WALKER, A. In search of our mother's gardens. In: \_\_\_\_\_. *In search of our mother's gardens: womanist prose*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

WOOLF, V. *A room of one's own and Three guineas*. Introd. Anna Snaith. Oxford: Oxford University, 2015.

WOOLF, V. *A room of one's own and Three guineas*. Introd. Michèle Barrett. London: Penguin, 1993.

**Data de submissão: 15/05/2019.**

**Data de aceite: 28/08/2019.**